

PROBLEMATIZAÇÕES NA EDUCAÇÃO E APRENDIZAGEM DO JOVEM E ADULTO

2011

Denice Bortolin Baseggio

Mestre em Educação (UPF, Brasil). Especialista em Psicologia Clínica (UPF, Brasil). Coordenadora de estágios e docente do curso de Psicologia (IMED). Psicóloga Clínica (Crianças e Adultos)

Currículo Lattes:

<http://lattes.cnpq.br/097554370790737>

E-mail:

denicebaseggio@yahoo.com.br

RESUMO

Este texto propõe refletir e levantar alguns aspectos bibliográficos relacionados à educação e aprendizagem de jovens e adultos no que se refere a Andragogia, estudos já existentes sobre o tema; perfil do jovem e adulto; estatuto da categoria; qualificação dos educadores e o modo de funcionamento intelectual dos discentes. As questões propostas surgiram como questionamentos a partir da prática docente de quatro anos, por demonstrarem uma homogeneidade na sua especificidade no que se refere ao perfil dos discentes: alunos de baixa renda, idade de 19 a 30 anos, mais da metade deles eram casados ou mantinham uma união estável; eram trabalhadores no turno diário e estavam retornando (após um tempo de recesso) aos estudos no turno da noite; 70% dos alunos vinham do interior estudar na cidade e apresentavam grandes dificuldades de linguagem escrita e oral, assim como tinham dificuldade de compreender, reter e fazer uso do conhecimento adquirido.

Palavras-chave: Educação, adulto, psicologia do desenvolvimento

INTRODUÇÃO

Evidencia-se que já há algum tempo o papel do educador de jovens adultos vem sendo visto numa ótica diversa da tradicional, abrindo possibilidade para o surgimento de uma reformulação teórica chamada de Andragogia. Seu criador o norte-americano Malcolm Knowles, refere que a

“Andragogia nada mais é do que uma redefinição do papel do professor para auxiliar os adultos a aprender e a compreender o processo de aprendizagem dos jovens e adultos”. A Andragogia parte da premissa de que muitos dos problemas hoje existentes na educação de pessoas adultas, (e nisso inclui-se o ensino superior), estão associados com a adoção de um modelo pedagógico" para o ensino de adultos, isto é, os alunos adultos vinham sendo tratados, utilizando-se dos recursos da Pedagogia que é o estudo do processo de aprendizagem de crianças. O autor propõe, então a substituição da Pedagogia pela Andragogia. Esta perspectiva emerge pela necessidade de um novo olhar por parte dos professores sobre a educação de jovens e adultos para que melhor se conheça os fatores relacionados com o perfil destes alunos, pois estes afetam diretamente o processo de aprendizagem que é diferentemente da perspectiva que se tinha até então, a pedagogia (TEIXEIRA, 2005).

REVISÃO DE LITERATURA

Denota-se uma limitação considerável da área da psicologia, as teorias do desenvolvimento referem-se, historicamente, de modo predominante à criança e ao adolescente, não tendo estabelecido, na verdade, uma boa psicologia do adulto. Os processos de construção de conhecimento e de aprendizagem dos adultos são, assim, muito menos explorados na literatura psicológica do que aqueles referentes às crianças e adolescentes. Palácios citado por Kohl (1999), em um artigo que sintetiza a produção em psicologia a respeito do desenvolvimento humano após a adolescência, comenta como a idade adulta tem sido tradicionalmente encarada como um período de estabilidade e ausência de mudanças, e enfatiza a importância de considerar a vida adulta como etapa substantiva do desenvolvimento.

Piconez (2003) sugere que se incorpore a condição de ser jovem adulto quando houver a aceitação de responsabilidades e equilíbrio de personalidade. Deve haver o predomínio da razão sendo capaz de ver com objetividade o mundo e os acontecimentos da vida. Seu modo de se comportar, baseia-se na capacidade de generalizar, julgar, deduzir, induzir seguindo uma linha de raciocínio. É um período situado entre a adolescência e a velhice, ou seja, a pessoa que deixou de crescer. Juridicamente o termo equivale ter atingido uma maioridade na qual o indivíduo atua na sociedade segundo sua própria responsabilidade e não mais sob a tutela de outros. Do ponto de vista psicológico o termo “adulto” emprega-se como sinônimo de maturidade de personalidade, ou seja, o sujeito é responsável pelas suas características pessoais.

Para Kohl (1999) o adulto, no âmbito da educação de jovens e adultos, não é o estudante universitário, o profissional qualificado que frequenta cursos de formação continuada ou de especialização, ou a pessoa adulta interessada em aperfeiçoar seus conhecimentos específicos. Ele é geralmente o migrante que chega às grandes metrópoles proveniente de áreas rurais empobrecidas, filho de trabalhadores rurais não qualificados e com baixo nível de instrução

escolar (muito frequentemente analfabetos), ele próprio com uma passagem curta e não sistemática pela escola e trabalhando. Trabalhando em ocupações urbanas não qualificadas, após experiência no trabalho rural na infância e na adolescência, que busca a escola tardiamente para alfabetizar-se ou cursar algumas séries do ensino supletivo.

O jovem, incorporado ao território da antiga educação de adultos relativamente há pouco tempo, não é aquele com uma história de escolaridade regular, o vestibulando ou o aluno de cursos extracurriculares em busca de enriquecimento pessoal. Não é também o adolescente no sentido naturalizado de pertinência a uma etapa bio-psico-lógica da vida. Como o adulto anteriormente descrito, ele é também um excluído da escola, porém geralmente incorporado aos cursos supletivos em fases mais adiantadas da escolaridade, com maiores chances, portanto, de concluir o ensino fundamental ou mesmo o ensino médio. É bem mais ligado ao mundo urbano, envolvido em atividades de trabalho e lazer mais relacionadas com a sociedade letrada, escolarizada e urbana.

Partindo da idéia acima sobre o adulto, ressalta-se um aspecto trazido por Piconez quando refere que o adulto é a pessoa que deixou de crescer, no entanto não deixou de aprender. Urge a necessidade de estudos que disponibilizem conhecimento a respeito da Andragogia. Só recentemente em função da demanda social das políticas públicas de educação surgiram publicações e maior interesse para estudar o adulto com suas possibilidades e potencialidades dentro do processo educativo, pois a elaboração de princípios psicopedagógicos deve partir do pressuposto de que o adulto - como aluno - é alguém que traz consigo uma gama de conhecimentos e de experiências anteriores que devem servir de ponto de partida e enriquecimento (não de vergonha) para a elaboração de situações de aprendizagem tanto no que se refere ao conteúdo quanto às técnicas.

Para Ribeiro (1999) nas últimas décadas assiste-se aos esforços de alguns governos municipais e estaduais para consolidar o espaço da educação de jovens e adultos como parte integrante do conjunto de políticas educacionais em alguns casos inclusive transferindo serviços anteriormente alocados em órgãos de assistência social para as secretarias de educação algumas das políticas recentes induzidas pelo governo federal vêm reproduzindo gravemente a concepção assistencialista dessa modalidade educativa. A perspectiva assistencialista e infantilizadora da educação de jovens e adultos é um fator que prejudica a constituição do campo, limitando as condições de se ofertar aos educadores uma formação adequada, que considere as especificidades do público dessa modalidade educativa que envolve a articulação entre extensão, ensino e a pesquisa. Haddad (1989 citado por Ribeiro 1999). A educação de jovens e adultos avançaria também na definição de um campo específico de prática e reflexão pedagógica, superando o paradigma da educação compensatória em prol de uma visão mais prospectiva, que articule a educação básica e a educação continuada como direitos de todos.

Estudos já têm sido realizados nesta tentativa de definir um estatuto para a educação de adultos. Um deles identifica três idéias-força para construir essa modalidade educativa: a

primeira, uma dimensão mais política da educação, consiste no reconhecimento dos jovens e adultos a que essa educação se destina como membros das classes populares, segmentos excluídos não só do sistema escolar regular, mas de outras instâncias de exercício de poder e acumulação de recursos. A segunda enfoca as necessidades de aprendizagem, principalmente aquelas relacionadas à sua inserção no mercado de trabalho, para o exercício da cidadania, para a promoção da qualidade de vida e do convívio na comunidade e na família; busca-se uma aprendizagem contextualizada e aplicável ao cotidiano do jovem adulto. E a última idéia diz respeito a especificidade do modo de aprender de jovens e adultos, os quais, em grau muito mais elevado do que as crianças, já dispõem de um amplo universo de conhecimentos práticos e concepções mais ou menos cristalizadas sobre diversos aspectos da realidade social e natural. O desafio seria identificar a natureza desses conhecimentos práticos e desses supostos estilos cognitivos próprios dos adultos, e investigar de que modo poderiam ser mobilizados para as aprendizagens tipicamente escolares, ou, em outra perspectiva, de que maneira os conteúdos da escola deveriam ser modificados para se adequar a esse modo de pensar próprio que os jovens e adultos desescolarizados já teriam forjado ao longo da vida (RIBEIRO, 1999)

Observa-se que além estatuto para a educação de jovens e adultos, faz-se necessário a preparação dos educadores envolvidos com esta especificidade da educação, e o que pode

subsidiar a ação dos educadores de jovens e adultos nessa direção é o que aborda as especificidades do conhecimento prático ou espontâneo, tendo como contraponto os conhecimentos teóricos, científicos ou escolares Vygotsky 1996, Eisner 1985 citado por Ribeiro (1999). Deve-se desenvolver competências para atuar com novas formas de organização do espaço-tempo escolar, buscando alternativas ao ensino tradicional possibilitando aos educandos que realizem percursos formativos mais diversificados, mais apropriados às suas condições de vida. É a própria legislação que está propondo às autoridades e aos educadores a tarefa de investigar e definir modalidades de realização do trabalho educativo adequadas às condições de vida de jovens e adultos trabalhadores (RIBEIRO, 1999).

Na literatura identifica-se outro fator problematizante da educação de jovens e adultos, que é as possíveis relações entre a cultura e a produção de diferentes modos de funcionamento intelectual. Sugerem-se três perspectivas de compreensão: a que afirma a existência da diferença entre membros de diferentes grupos culturais; outra que busca negar a importância da diferença; e por último a que recupera a idéia da diferença em outro plano.

Propõem-se pensar neste texto sob a terceira abordagem, pois parece mais fecunda no que se refere a compreensão das relações entre cultura e modalidades de pensamento por ser uma teoria não determinista permitindo que a educação possa ser construída a partir da diversas facetas que a envolvem: o individual, social, contexto, cultura dentre outros aspectos (KOHL, 1999).

O psiquismo do sujeito para esta abordagem é construído ao longo de sua própria história, numa complexa interação entre planos genéticos: a filogênese, a sociogênese, a ontogênese e a microgênese e cada indivíduo humano percorre o caminho da ontogênese informado e alimentado pelos artefatos concretos e simbólicos, pelas formas de significação, pelas visões de mundo fornecidas pelo grupo cultural em que se encontra inserido. A imensa multiplicidade de conquistas psicológicas que ocorrem ao longo da vida de cada indivíduo geram uma complexa configuração de processos de desenvolvimento que será absolutamente singular para cada sujeito no entrecruzamento do biológico, do histórico, do cultural. O individual só será realizado por meio da inserção do ser humano no mundo da cultura, o que elimina herança genética como fonte primordial de formação do psiquismo. O importante para a compreensão do psiquismo é o processo de geração de singularidade ao longo de sua história, ação individual, com base na singularidade dos processos de desenvolvimento de cada sujeito, consiste em constante recriação da cultura e negociação interpessoal (KOHL, 1999).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Recupera-se então, com esta perspectiva (e que permite subsidiar), que a intervenção educativa teria que atuar sobre indivíduos necessariamente diversos (como é o caso da educação para jovens e adultos), no sentido de lhes dar acesso àquela modalidade particular de relação entre sujeito e objeto de conhecimento que é própria da escola, promovendo transformações específicas no seu percurso de desenvolvimento (OLIVEIRA citado por RIBEIRO, 1999).

Compreende-se então, que é necessário que se desenvolva estudos, estratégias e intervenções na educação e na aprendizagem do jovem e adulto, principalmente no que se refere à adequada profissionalização dos docentes envolvidos neste processo, pois se adota a perspectiva de que o adulto é um ser humano em constante mudança, dotado de capacidade para novas aprendizagens possibilitada pelo aumento de sua expectativa de vida.

A Constituição Brasileira propõe que a educação é direito de todos e dever do estado e da família, será promovida com a colaboração da sociedade visando pleno desenvolvimento da pessoa seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o mundo do trabalho. O adulto jovem está diretamente envolvido com o mundo de trabalho e necessita de uma educação de qualidade que transmita o conhecimento e as habilidades necessárias para o bom desempenho profissional.

Sugere-se que a perspectiva de adulto jovem de Kohl possa ser considerada pelos estudiosos, pois a autora refere que além das características físicas deste aluno existem aspectos que o envolvem e atuam diretamente no momento da aprendizagem e que devem ser contextualizados nas suas peculiaridades quando se pensa na educação destes jovens.

Por fim, faz-se necessário na educação do jovem e adulto o estabelecimento de uma compreensão estruturada de como se processa o conhecimento no adulto, seus esquemas e processos, seu desenvolvimento psíquico e suas fragilidades para que efetivamente ocorra sua aprendizagem. Cabe ressaltar ainda, a necessidade de uma metodologia de ensino que auxilie no processo de conhecimento do adulto jovem contextualizada, bem como se utilize os conhecimentos e experiência já internalizados por eles.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

KOHL, Marta. **Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem.** Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo Trabalho apresentado na XXII Reunião Anual da ANPEd, Caxambu, setembro de 1999.

PICONEZ, Stela. **A Aprendizagem Do Jovem E Adulto E Seus Desafios Fundamentais.**

Documento produzido para o Curso de Especialização de Educação Escolar de Jovens e Adultos do NEA – Núcleo de Estudos sobre Educação de Jovens e Adultos e Formação Permanente de Professores (Ensino Presencial e Educação a Distância) – Dez/2003.

RIBEIRO, Vera. **A formação de educadores e a constituição da educação de jovens e adultos como campo pedagógico.** Educação e Sociedade, ano XX. N. 68, Dez. 1999.

TEIXEIRA, Gilberto. **Andragogia E Seus Princípios** Disponível em: <<http://www.pt.wikipedia.org/wiki/Andragogia>. Acesso: jan. 2009.